

INSATISFAÇÃO COM A DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA, 2001-2015

DISSATISFACTION WITH DEMOCRACY IN LATIN AMERICA, 2001-2015

Rodrigo Lins*

Resumo: A transição de regimes autoritários para regimes democráticos ainda é recente na América Latina. No entanto, a região parece ainda não estar satisfeita com o novo modelo de governo. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo analisar, de forma exploratória, os determinantes da insatisfação latino-americana com o regime democrático. Para tanto, todas as principais variáveis são analisadas a nível do indivíduo. Ao todo, são incluídos 17 países no período entre 2001 e 2015 (n=221, com *gap* de dois anos). Revisamos a literatura sobre as causas da insatisfação na região para, em seguida, fazermos os testes estatísticos. Metodologicamente será utilizada estatística descritiva e análise espacial, para que se possa apresentar as tendências e comportamento das variáveis inseridas, e estatística inferencial, por meio de análise de painel balanceada. Espera-se que a percepção da condição econômica exerça o maior impacto sobre a insatisfação com o regime democrático.

Palavras-chave: Insatisfação. Democracia. América Latina.

Abstract: The transition from authoritarian regimes to democratic regimes is still recent in Latin America. However, this region still does not seem to be satisfied with the new governance model. Therefore, this paper aims to analyze, in an exploratory way, the determinant factors of Latin American dissatisfaction with the democratic regime. To do so, all the main variables are analyzed from an individual level. Altogether all, 17 countries are included in the period between 2001 and 2015 (n = 221, with a two-year gap). We reviewed the literature on the causes of dissatisfaction in the region and then performed the statistical tests. Methodologically, descriptive statistics and spatial analysis will be used to present the trends and behavior of the inserted variables, and inferential statistics, through balanced panel analysis. It is expected that the perception of the economic condition will have the greatest impact on dissatisfaction with the democratic regime.

Keywords: Dissatisfaction. Democracy. Latin America.

* Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do grupo de Métodos de Pesquisa em Ciência Política (UFPE).

1 Introdução

As nações que formam a região da América Latina deram início ao retorno à democracia há aproximadamente três décadas, com o fim de regimes autoritários e o advento da terceira onda de democratização (HUNTINGTON, 1994). No entanto, ainda que a democracia seja tratada como o regime antagônico ao autoritarismo, a satisfação de países latino-americanos parece oscilar entre o apoio e a indiferença perante o regime atualmente vigente. Este trabalho busca justamente apresentar os determinantes dessa insatisfação regional.

Durante a revisão da literatura, tratamos não apenas da insatisfação em si. Começamos falando sobre o papel de variáveis econômicas na democratização e consolidação de regimes democráticos. Isso se justifica pelo fato de a teoria da modernização ter tido um papel fundamental nessa literatura (EPSTEIN et al., 2006; LIPSET, 1959; PRZEWORSKI; LIMONGI, 1997; RUSTOW, 1970). Um alto índice de riqueza parece ser importante para que o regime não sofra uma reversão institucional (PRZEWORSKI; LIMONGI, 1997; SVOLIK, 2008). Com a preocupação de que a análise se mantenha, sempre que possível, no nível individual, iremos utilizar a percepção das condições econômicas como uma *proxy*. Dessa forma, espera-se que variáveis econômicas também sejam significantes para os estudos de insatisfação (LAGOS, 2001). Por isso, o modelo inicial leva em conta apenas as variáveis econômicas.

Em seguida, outro modelo mais completo é apresentado. Incluímos controles institucionais voltados para as características políticas dos países estudados, como percepção de corrupção, acrescentado como uma *proxy* para a ausência do *rule of law* e que se espera que tenha efeito negativo sobre a insatisfação. Finalmente, soma-se um terceiro modelo aos dois anteriores. Neste, tentamos controlar pelo apoio da população ao governo incumbente. Afinal, uma rejeição à democracia pode ser, em realidade, uma aversão ao governo vigente. Para testar a hipótese levantada, será utilizada uma análise com dados em painel fortemente balanceados. Também utilizaremos mapas de intensidade para ilustrar a média do nível de insatisfação com o regime nos países e anos estudados.

O trabalho segue da seguinte forma: primeiro é apresentado o papel da economia na democratização e consolidação de democracias e a literatura sobre satisfação democrática. Em seguida expomos possíveis determinantes políticos e institucionais da insatisfação com o regime. Então, fazemos uma exposição do método utilizado em nossos modelos, assim como das variáveis incluídas. Partiremos para a análise dos resultados e, finalmente, apresentamos as considerações finais.

2 Economia como a causa de insatisfação?

Levando em conta o impacto da teoria da modernização para a literatura de democratização e consolidação democrática (LIPSET, 1959, 1960; PRZEWORSKI; LIMONGI, 1997), também é importante analisar o impacto que ela pode ter na insatisfação dos latino-americanos com o regime democrático. Segundo Lipset (1960), qualquer país precisaria preencher certas condições socioeconômicas para que pudessem fazer a transição para a democracia. Tais condições

incluem, entre outras coisas, um elevado Produto Interno Bruto (PIB) per capita e uma alta taxa de alfabetização. Essas características são reforçadas por Inglehart e Welzel (2009). De maneira simplista, pode-se dizer que apenas países industrializados, com forte desempenho econômico, chegam a regimes democráticos.¹ O modelo desenvolvido por Lipset foca nas consequências de um contínuo desenvolvimento econômico, sobretudo no papel fortalecido da classe média (WUCHERPFENNING; DEUTSCH, 2009). Isso porque, argumenta Lipset (1959), uma sociedade dividida entre uma grande massa empobrecida e uma pequena classe favorecida resultaria em uma oligarquia ou tirania.

No entanto, assim como Rustow (1970) anteriormente, Przeworski e Limongi (1997) e Przeworski et al. (2000) contestam tal conclusão. Para os autores, o papel da modernização se daria no processo de sobrevivência de uma democracia e não na transição de um regime autoritário para um democrático. É mais fácil encontrar países democráticos entre aqueles com economia mais desenvolvida, mas não porque o desenvolvimento serviria para minar um governo autoritário. Essa característica serviria para manter a democracia. O nível de desenvolvimento econômico, inclusive, só dá informações sobre as chances de uma possível transição de volta ao autoritarismo. Assim, da mesma forma que esperamos que um país economicamente desenvolvido verá a manutenção de sua democracia, também esperamos que sirva para diminuir a insatisfação da população com o regime. Como trabalhos de unidades de análise a nível do indivíduo, utilizaremos a percepção dos cidadãos a respeito da situação da economia como variável.

Além da situação econômica dos países, levamos em conta outras variáveis econômicas. Entre elas está o nível de desigualdade de renda. Para Boix (2003) e Acemoglu e Robinson (2006), os conflitos redistributivos são o principal gatilho da democratização. Ademais, o esperado impacto positivo do crescimento econômico pode ser minado por um alto nível de desigualdade através da “distribuição socioeconômica regressiva” (REENOCK; BERNHARD; SOBEK, 2007). Isso porque, segundo os autores, um “superávit social” faz com que a sociedade considere a privação mais inaceitável

O desemprego também pode causar uma percepção de que governos democráticos não são efetivos e que, portanto, seria preferível um governo que não precisasse se preocupar com eleições periódicas ou com o legislativo (ALTINDAG; MOCAN, 2010).² Por isso também levamos em conta a percepção da situação de empregabilidade nos países. A lógica é similar no que diz respeito à desigualdade, quando há uma crescente concentração econômica (MILLER, 2016).

Antes de partirmos diretamente para o debate sobre a literatura de satisfação, é preciso chamar atenção para a ressalva levantada por Linde e Ekman (2003): usando o grau de insatisfação como variável dependente, não nos permite mensurar o grau de apoio – ou a falta dele – em relação à democracia. Enquanto os estudos sobre apoio levam em conta a percepção do modelo democrático de maneira geral, a insatisfação só mede a percepção do funcionamento do regime em determinado período e local. Ou seja: um alto nível de insatisfação não quer dizer,

¹ O pensamento de Lipset (1959, p. 75), nesse sentido, pode ser resumido em uma frase do próprio autor: “[...] *the more well-to-do a nation, the greater the chance it will sustain democracy*”.

² Ao incluir a variável desemprego, acredito não ser mais necessária a inclusão da variável inflação devido ao trade-off apresentado na Curva de Phillips. Assim, mantenho um modelo mais parcimonioso.

de maneira geral, que há um baixo apoio ao regime. Pode querer dizer apenas que as pessoas gostariam que a democracia instaurada em seu país fosse melhor.

Ao fazer uma análise descritiva do apoio, da satisfação e da confiança na democracia na América Latina, Lagos (2001) argumenta que a variação da satisfação no decorrer do tempo é maior do que a variação do apoio ao modelo democrático em si. O baixo nível de satisfação também chama atenção da autora. No período estudado em seu trabalho (1996-2000), a média de satisfação na região como um todo nunca ultrapassou os 41%. Para Lagos, essas variações são muito sensíveis a mudanças nas condições econômicas. Em conclusão semelhante, mas em relação a países europeus, Armingeon e Guthmann (2014) analisam o efeito da crise econômica sobre o apoio à democracia.³ De acordo com os autores, a crise fez com que o apoio reduzisse “dramaticamente”. Esse seria, portanto, mais um indicativo da importância de variáveis econômicas em qualquer modelo disposto a analisar a insatisfação da população.

Resende e Epitácio (2014) empreendem um esforço semelhante ao que é proposto neste trabalho: estudar os determinantes da satisfação com a democracia na América Latina. As autoras chegam a considerações importantes. Elas relatam que a satisfação – como afirmou Lagos (2001) – deve, de alguma forma, estar relacionada ao desempenho econômico. Para o período estudado por Resende e Epitácio (1997-2009), houve uma associação moderada entre a percepção democrática e o PIB per capita. É preciso ressaltar, como as próprias autoras reconhecem, que elas identificaram determinadas tendências apenas por meio de uma correlação de Pearson (r).

3 Modelos políticos

A primeira característica política que acrescentamos aos nossos modelos é a função do estado em relação a questões sociais. Mais especificamente, a parcela do PIB do país dirigida para gasto social. Apesar de as elites serem as responsáveis pela criação de instituições democráticas, elas precisam do constante apoio dos cidadãos para que tais instituições sejam mantidas (ACEMOGLU; ROBINSON, 2006). Por isso, esperamos que o gasto social tenha impacto positivo na satisfação. No entanto, os cidadãos não estariam necessariamente atentos especificamente ao gasto do governo, mas sim à qualidade dos serviços de saúde e educação (RETZL, 2012). No entanto, a variação da satisfação com a democracia está positivamente ligada à variação da satisfação com os serviços de proteção social (LÜHISTE, 2014).

Além disso, é importante compreender o mecanismo de apoio dos cidadãos às políticas redistributivas. Seguindo a primeira importante teoria sobre o tema, espera-se que quanto maior for a desigualdade, maior será o apoio à redistribuição (MELTZER; RICHARDS, 1981). O nível de desigualdade, no entanto, foi sendo afastado como o principal motivo de apoio aos gastos sociais. Não seria mais o nível de desigualdade que importa, mas sim a sua estrutura. Assim, na ausência de clivagens étnicas, eleitores de renda média irão se identificar com os pobres e apoiar políticas redistributivas quando a distância da renda da classe média e dos pobres for pequena em relação à distância de renda entre a classe média e a afluenta (LUPU; PONTUSSON, 2011).

³ Os autores operacionalizam o apoio à democracia a partir da satisfação e confiança no regime.

O estado de direito (*rule of law*) aparece também como um bom preditor da satisfação com regime em voga. A confiança da população em instituições como tribunais, polícia e exército é importante para que o apoio à democracia seja mantido (LINDE; EKMAN, 2005). A corrupção, como comportamento chave antagônico ao estado de direito, tem um efeito forte sobre o sistema político em geral (NEWTON, 2005). Além de causar um efeito de cinismo nos eleitores, a insatisfação com o déficit de desempenho institucional (MOISÉS; CARNEIRO, 2008) pode estar ancorado na falha do governo para prover leis justas que não favoreçam certos grupos em detrimento de outros (MUNGIU-PIPPIDI, 2006). Ainda em termos institucionais, a satisfação com a democracia costuma variar de acordo com o sistema político. Aarts e Thomassen (2008), ao analisarem 35 países, encontraram uma relação negativa entre a satisfação e sistemas proporcionais. No entanto, devido à baixa variação nos sistemas políticos latino-americanos, deixaremos essa análise de fora dos nossos modelos.

A variável de controle “idade do regime” controla o modelo pelo tempo desde que a democracia foi implantada. O raciocínio tem duas lógicas: (1) a população em democracias recentes foi socializada sob regimes autoritários, onde existe uma baixa confiança política e interpessoal; e (2) que na mudança de regime existe uma alta expectativa para novas instituições democráticas, podendo ser seguida por desilusão pelo fato de não haver reformas efetivas (BELLUCCI; MEMOLI, 2012).

Ainda é preciso levar em conta o real grau democrático dos países. Existe agora um importante debate sobre uma possível recessão democrática. Há argumentos de que desde 2006 a democracia vem sofrendo revés ao redor do mundo (DIAMOND, 2015).⁴ Desde a erosão do regime até retrocessos institucionais completos, passando pelo cerceamento de liberdades e a não manutenção do *rule of law*, uma parte da literatura parece certa de que regimes democráticos estão em declínio (DIAMOND, 2015; FUKUYAMA, 2015; FOA; MOUNK, 2016, 2017).

Por fim, é preciso estar atento a duas questões importantes: (1) a sociedade está realmente insatisfeita com o regime democrático ou apenas com o desempenho do governo? Com o objetivo de controlar pela percepção que a população tem do governo, a variável “*approve*” – referente à aprovação do governo – é incluída. Além disso: (2) será que a insatisfação da população é condizente com o nível de democracia existente no país? Uma alta taxa de insatisfação pode refletir um mau desempenho econômico, como diz a hipótese apresentada aqui. No entanto, ela pode ser um reflexo real da democracia. Assim, acreditamos que hipóteses nulas importantes foram construídas.

4 Dados e métodos⁵

Essa seção apresenta os procedimentos metodológicos com o objetivo de garantir a transparência do desenho de pesquisa e a replicabilidade dos resultados (KING, 1995, 2003; JANZ, 2015).⁶ Assim, indicamos que informações como o *codebook*, os bancos de dados e o

⁴ Diamond (1999) já havia chamado atenção para uma possível terceira onda reversa.

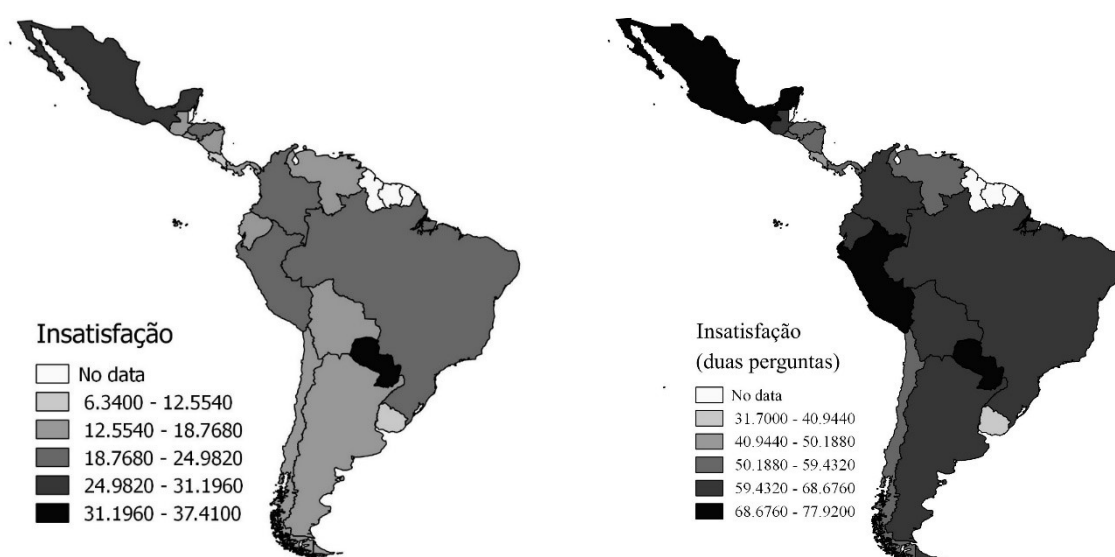
⁵ O artigo foi feito seguindo o protocolo 3.0 do Project TIER.

⁶ Agradeço ao projeto *Transparency and Integrity in Empirical Research* (TIER) e ao *Berkeley Initiative for Transparency in the Social Sciences* (BITSS) pelos treinamentos realizados.

anexo *online* estão disponíveis na página do projeto no *Open Science Framework* (OSF).⁷ Toda a análise foi feita utilizando o software Stata/SE 13.0.⁸

A nossa variável dependente é a insatisfação da população dos países latino-americanos com a democracia.⁹ Utilizamos os dados disponibilizados pelos *surveys* do Latinobarómetro. Mais exatamente a pergunta codificada como P12TG.B., apresentada da seguinte forma: “*En general, ¿diría Ud. que está muy satisfecho, más bien satisfecho, no muy satisfecho o nada satisfecho con el funcionamiento de la democracia en (país)?*”¹⁰. Como é possível perceber, as respostas são divididas em quatro possibilidades, sendo duas negativas e duas positivas. Apesar disso, para garantir que não estamos superestimando os valores, utilizamos apenas a última resposta (“*nada satisfecho con el funcionamiento*”) para indicar a insatisfação. Dessa forma, a variável dependente representa o percentual de respondentes que escolheram as opções de resposta “nada satisfeito”. Ao todo, 17 países¹¹ foram incluídos no estudo. A título de informação, a Figura 1 mostra a densidade média da insatisfação desses países para o período estudado, tanto para a nossa variável dependente quanto para a soma das duas respostas negativas.

Figura 1 – Média de insatisfação por país, 2001-2015



Fonte: Elaborada pelo autor.

O mapa à esquerda, que representa a média da nossa variável dependente, mostra apenas o Paraguai no grupo de maior insatisfação (entre 31,2% e 37,4%), seguido pelo México – também único representante em seu grupo (25% a 31,2%). Do outro lado do espectro, apenas o Uruguai apresenta uma taxa de insatisfação entre 6,3% e 12,6%.

À direita, quando somamos as duas respostas negativas, notamos que o subcontinente da América do Sul é quase homogêneo, se encaixando quase todo no grupo com o segundo

⁷ Dados de replicação e anexo online podem ser encontrados em: osf.io/jtb4c.

⁸ Com exceção da Figura 1, feita utilizando o *software* QGIS 2.12.0.

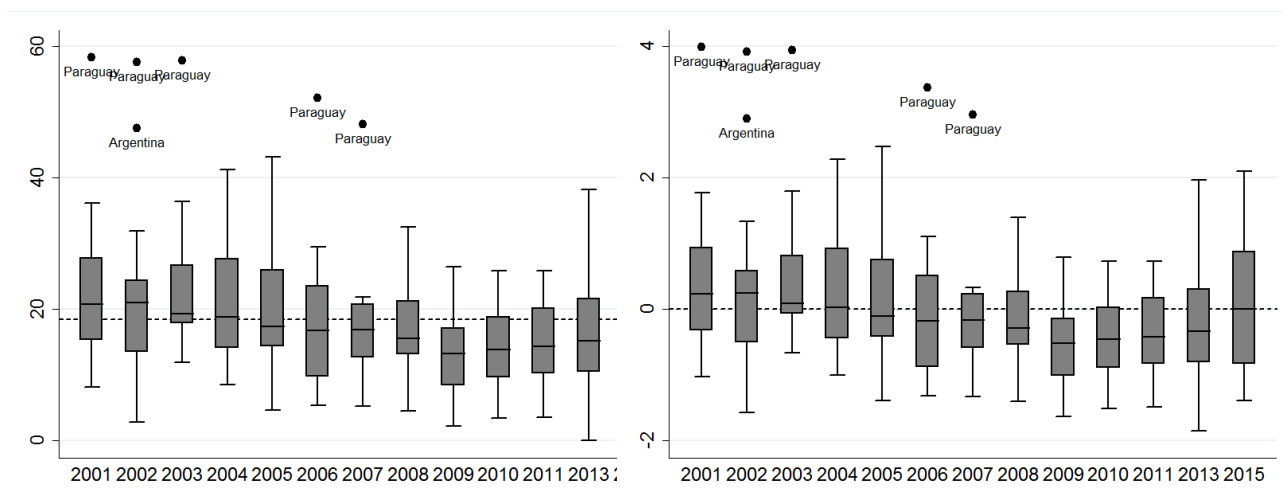
⁹ Catalogado como “*dissatisfaction*” em nosso banco de dados.

¹⁰ “Você diria que está muito satisfeito, satisfeito, não muito satisfeito ou nada satisfeito com o funcionamento da democracia (no país)?” (tradução nossa).

¹¹ Eles são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Esses países foram selecionados por serem os únicos da região com dados referentes à variável dependente.

valor mais alto de insatisfação (entre 59,4% e 68,7%). No entanto, também se pode ver que o Uruguai é o único país no agrupamento da América Latina com o menor nível de insatisfação com a democracia (entre 31,7% e 41%). No sentido oposto, o México, o Paraguai e o Equador aparecem como os países mais insatisfeitos (entre 68,7% e 77,9%). Os casos em branco, em ambos os mapas, são países que não fazem parte do estudo.¹² Focando apenas em nossa variável dependente – que computa apenas a resposta mais negativa –, a Figura 2 mostra sua distribuição por ano.

Figura 2 - Distribuição da insatisfação



Fonte: Elaborada pelo autor.

A imagem à esquerda da Figura 1 mostra a distribuição do percentual para os períodos estudados. Em 2007, quando a variação entre os grupos se mostrou menor, um *outlier* aparece: o Paraguai, com um valor maior de insatisfação do que o restante dos países. Isso se repete em 2001, 2002 (também com a Argentina), 2003 e 2006. Com o objetivo de reconhecer os *outliers*, a imagem à direita da Figura 1 utiliza o *Z score* da variável. Assim, em 2007, confirmamos o Paraguai como *outlier*, uma vez que o país está a dois desvios padrões da média. A Tabela 1 apresenta a análise descritiva da variável de insatisfação e a Figura 3 apresenta a tendência da insatisfação com o regime democrático, por cada país incluído no estudo, no período que vai de 2001 a 2015.

Tabela 1 – Descritivo da variável dependente

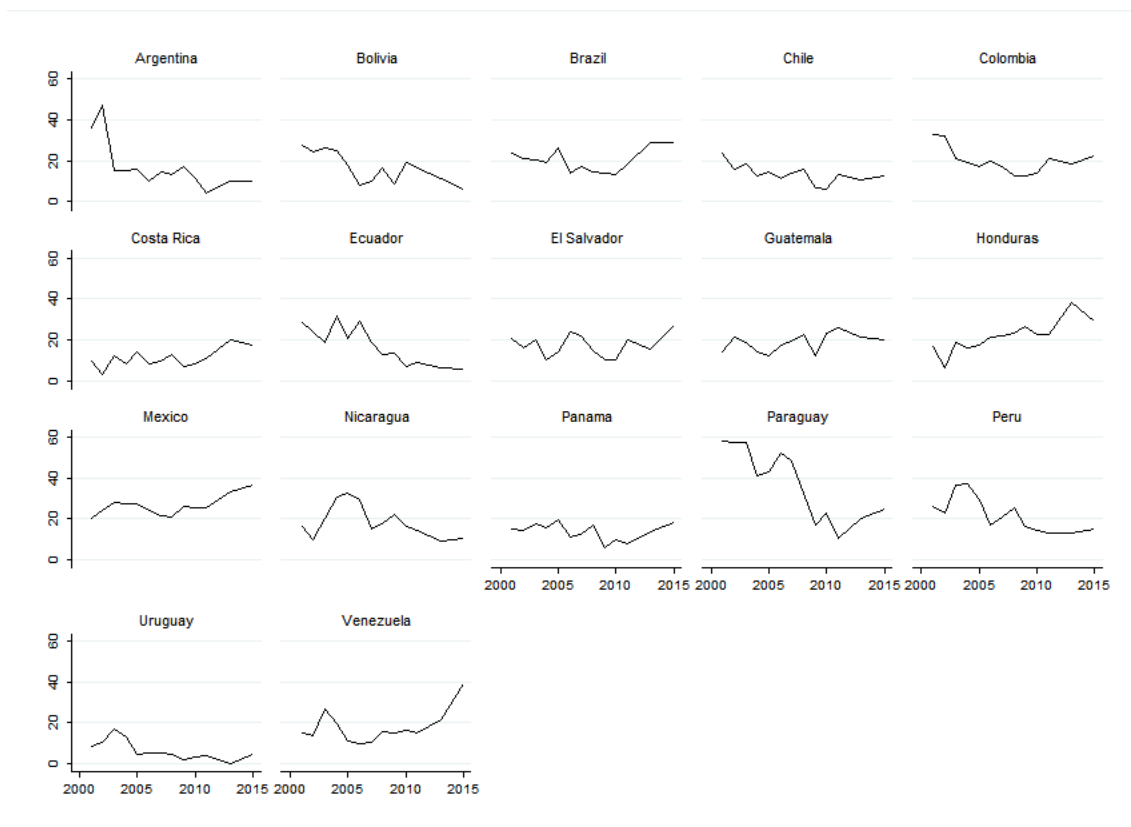
	Obs	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Dissatisfaction	220	18,503	9,9841	0	58,3

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda que tenha uma das médias mais altas para a região e o período estudado, o Equador é o país que apresenta a queda mais acentuada em sua insatisfação com o funcionamento da democracia. Em seguida aparece o Uruguai. O Panamá, por outro lado, apresenta um crescimento linear a partir de aproximadamente 2010. Três movimentos importantes são enxergados nos

¹²Nomeadamente, eles são: Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Figura 3 – Tendência da insatisfação por país, 2001-2015



Fonte: Elaborada pelo autor.

gráficos: (1) a queda da insatisfação na Argentina no início dos anos 2000; (2) a queda da insatisfação no Paraguai a partir de 2008; e (3) a ascensão da insatisfação na Venezuela a partir de 2013. Todas as rupturas acontecem dentro de períodos eleitorais.

No primeiro caso, existe uma clara mudança na insatisfação dos argentinos com uma queda de 47,5% em 2002 para 15,2% em 2003. Após três presidentes com mandatos curtos, Néstor Kirchner assume em maio de 2003. Somando-se a isso, a Argentina enfrentou uma forte crise econômica em 2001-2002, que chegou a levar o presidente Fernando de la Rúa a decretar a criação do imposto denominado “*corralito*” em 2001 (¿QUÉ..., 2017). Tal imposto tinha como objetivo impedir retiradas de depósitos em contas correntes e poupança. No caso paraguaio, a insatisfação cai após a eleição de Fernando Lugo em 2008 (queda de 32,5% em 2007 para 17,1% em 2008). Lugo, da Aliança Patriótica, foi o primeiro presidente eleito após uma hegemonia de quase 60 anos do Partido Colorado. Finalmente, no caso venezuelano, há um salto de 14,9% em 2011 para 21,7% em 2013; e outro para 39,5% em 2015. No mesmo ano, em 2013, acontecem a morte de Hugo Chávez e a posse de Nicolás Maduro. O acréscimo ainda maior da insatisfação em 2015 pode ser interpretado como uma reação ao aprofundamento da crise econômica vivida no país. Naquele ano, o preço do petróleo – maior fonte de riqueza da Venezuela – caiu pela metade. Levando em conta a insatisfação dos países, como já apresentado aqui, é normal que a região como um todo também apresente valores elevados. O Quadro 1 apresenta os valores médios de todos os países para o período estudado.

Durante o período aqui levado em consideração, a América Latina teve uma média de

Quadro 1 – Média de insatisfação por ano, América Latina

Ano	Média
2001	23,11
2002	21,41
2003	23,33
2004	20,93
2005	19,92
2006	18,29
2007	17,46
2008	17,24
2009	13,68
2010	14,32
2011	14,72
2013	17,08
2015	19,34
Média	59,15

Fonte: Elaborado pelo autor.

insatisfação de 59,15%, tendo alcançando o valor mais alto em 2003, quando chegou a 66,43%. Já em 2009 a região obteve o valor mais baixo, mas ainda assim bastante elevado: 50,96%. Isto é: pouco mais da metade da população da América Latina estavam insatisfeitas com o funcionamento da democracia no ano em que a média foi mais baixa.

Finalmente, apresentamos as variáveis independentes e de controle. Considerando o que já foi debatido na seção anterior, as variáveis independentes vão focar em questões econômicas. No entanto, também foram inseridas variáveis de controle que consideram as características políticas e institucionais dos países, uma vez que consideramos que podem exercer algum grau de influência no nível de insatisfação dos latino-americanos. O Quadro 2, portanto, apresenta as variáveis.

Quadro 2 – Variáveis independentes e de controle

Variável	Conceituação	Fonte
Economic_situation	Percepção da situação econômica como ruim	Latinobarómetro
Unemployment	Perspectiva de desemprego nos próximos 12 meses	Latinobarómetro
gini_net	Índice de Gini	Solt (2016)
Social_spending	Gasto social (% do PIB)	Cepal
Education	Anos de estudo para pessoas com 15+ anos	V-DEM
Corruption	% de que não se pode confiar nos outros	Latinobarómetro
Regime_age	Idade do Regime	<i>Database of Political Institutions</i> (2015)
Polity	Score no Polity IV	Polity IV
Approve	% dos que aprovam o governo	Latinobarómetro

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com o intuito de tentar manter a unidade de análise no indivíduo, algumas das principais variáveis independentes foram retiradas da mesma fonte: o Latinobarómetro. Assim, a variável que mensura a percepção econômica é a resposta “muito mal” à seguinte pergunta: “¿Cómo calificaría en general la situación económica actual del país?. Diría Ud. que es...”¹³. Em relação ao desemprego, é a taxa de resposta “muito preocupado” ao questionamento “¿Cuán preocupado diría Ud. que está por quedar sin trabajo o de estar desempleado durante los próximos doce meses?”¹⁴. Finalmente, como *proxy* para corrupção, estimamos as respostas à pergunta “Hablando en general, ¿diría Ud. que se puede confiar en la mayoría de las personas o que uno nunca es lo suficientemente cuidadoso en el trato con los demás?”¹⁵. A nossa análise inferencial será feita por meio de dados em painel fortemente balanceados. Pelo bem da transparência, relataremos os coeficientes das análises com efeito fixo e efeito aleatório, mesmo que apenas um dos dois seja utilizado durante a interpretação dos resultados. A opção por uma forma ou outra de efeito se dará por meio do teste de Hausman.¹⁶ O Quadro 3 resume o modelo.

Quadro 3 – Resumo do modelo¹⁷

Panel Variable: countrysum (strongly balanced)
 Time variable: year, 2001 to 2015, but with gaps
 Delta: 1 year

Fonte: Elaborado pelo autor.

5 Resultados e interpretações

Depois de apresentar a literatura referente à insatisfação e debater o método utilizado, agora partiremos especificamente para a análise dos achados. Os resultados obtidos por meio do teste de Hausman indica que o modelo de dados em painel com efeitos fixos é o mais indicado para todos os três modelos.¹⁸

Levando em conta os testes de Hausman, devemos olhar para a primeira metade da tabela (modelos 1, 3 e 3). No modelo 1, quando levamos em conta apenas as variáveis explicativas,

¹³ “Como qualificaria em geral a situação econômica atual do país? Você diria que é...?” (tradução nossa).

¹⁴ “Quanto preocupado você está por ficar sem trabalho ou de estar desempregado nos próximos doze meses?” (tradução nossa).

¹⁵ “Falando em geral, você diria que pode confiar-se na maioria das pessoas ou que nós não somos nunca suficientemente cuidadosos no relacionamento com os outros?” (tradução nossa).

¹⁶ O teste de Hausman se assemelha a um teste de hipótese, em que a hipótese nula indica o uso de efeitos aleatórios e a hipótese alternativa, de efeitos fixos. Ele examina a diferença quadrada entre os coeficientes de regressão estimados pelos efeitos fixos e aleatórios ($bRE - bFE$)². Ver Gujarati (2011, p. 290-291).

¹⁷ Apesar de o modelo ser fortemente balanceado, com intervalo de um ano, ele possui dois *gaps*: os anos de 2012 e 2014. Essas lacunas aparecem pelo fato de o Latinobarómetro não ter dados para a variável dependente nesses dois anos.

¹⁸ O resultado do teste de Hausman foi de $\text{Prob} > \chi^2 = 0,0396$ para o modelo apenas com variáveis econômicas. Para o modelo com as variáveis de controle, o teste de Hausman indicou que ele poderia não ser o teste mais adequado. Assim foi realizado outro teste de restrição de sobre-identificação (estatística Sargan-Hansen) que também sugeriu o uso do modelo fixo (p-valor: 0,04). Para o modelo completo, também foi realizado o teste de restrição de sobre-identificação. As tabelas completas dos testes estão no anexo online (Tabelas 4, 5 e 6).

Tabela 2 – Determinantes de insatisfação

Modelo	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Situação_econômica	0,7071*** (0,0527)	0,6962*** (0,0550)	0,5283*** (0,0656)	0,6999*** (0,0514)	0,6531*** (0,0531)	0,5358*** ** (0,0650)
Desemprego	-0,0819 (0,0560)	-0,0464 (0,0629)	0,0087 (0,0750)	-0,0783 (0,055)	-0,0907 (0,0598)	-0,0199 (0,0722)
Rede Gini	0,01482 (0,2074)	0,4824* (0,2855)	0,8655*** (0,3171)	0,2422 (0,1829)	0,1614 (0,2148)	0,2582 (0,2249)
Gastos_sociais		-0,7938** (0,3282)	-0,8468** (0,3364)		-0,4374** (0,1918)	-0,3087 (0,1933)
Educação		-2,2174 (3,4263)	-0,4158 (3,3677)		0,4179 (0,8646)	0,3689 (0,8603)
Corrupção		0,1045 (0,0758)	0,0656 (0,0757)		0,1450** (0,0705)	0,1213* (0,0709)
Idade_do_regime		0,6664** (0,2961)	0,7361** (0,3015)		0,0421 (0,0979)	-0,0453 (0,0988)
Política		0,1361 (0,3722)	-0,0293 (0,3575)		-0,0808 (3291)	-0,1685 (0,3186)
Aprova			-0,1236*** (0,0279)			- 0,0944* ** (0,0271)
Efeitos fixos	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não
R ²						
Dentro	0,612	0,635	0,686	0,611	0,615	0,659
Entre	0,464	0,032	0,027	0,490	0,538	0,585

*** $p < 0,01$; ** $p < 0,05$; * $p < 0,1$

Fonte: Elaborada pelo autor.

a percepção da situação econômica se mostra significativa (p -valor $< 0,01$). Inicialmente, esse resultado vai no sentido de que a percepção de uma má performance econômica gera, de fato, insatisfação com o regime. No entanto, a perspectiva de desemprego nos próximos 12 meses – assim como a taxa de desigualdade – não é significativa.

No modelo 2, quando inserimos as variáveis de controle que representam características dos países, a percepção da situação econômica ainda é significativa a nível de 1%. De forma contrária ao que se esperava, a idade do regime parece aumentar a insatisfação com a democracia. A segurança de viver em um regime estabelecido, sem uma ameaça real de retrocesso institucional, pode fazer com que as pessoas se sintam mais livres e confiantes para expressar sua insatisfação. Em regimes mais novos, onde a memória do governo autoritário ainda é recente, os cidadãos podem ser mais precavidos em relação às críticas. No entanto, o gasto social do governo – como percentual do PIB – serve para combater a insatisfação com a democracia. Levando em consideração as teorias debatidas aqui, podemos considerar que tanto o nível de desigualdade (MELTZER; RICHARDS, 1981) quanto a estrutura da desigualdade (LUPU; PONTUSSON, 2011) da América Latina ajudam a explicar o papel do gasto social.

Quando apresentamos o desenho completo – a coluna 3 –, é possível perceber que a insatisfação com o regime democrático pode ser representada como ação da percepção da situação econômica e de uma alta concentração de renda ($p < 0,01$). Os dados corroboram a ideia de que uma sociedade em que a economia não funciona bem e que, conseqüentemente, traz um alto custo para os cidadãos – como a desigualdade –, esses cidadãos estariam dispostos a serem

governados de forma autoritária. Eles estariam satisfeitos com um líder que não precisasse se preocupar com o legislativo ou com eleições, se empenhando apenas em fazer com que a economia se recuperasse. A idade do regime segue no sentido positivo, indicando que um acréscimo no período de sobrevivência da democracia eleva a insatisfação com o seu funcionamento.

Por outro lado, uma maior aprovação do governo vigente e um maior gasto social representam forças contrárias à insatisfação. O gasto social pode ser compreendido como serviços básicos prestados à sociedade, como saúde e educação. Embora a região seja marcada pela corrupção, é esperado que países que gastam muito com programas sociais e serviços ao público tendam a oferecê-los com boa qualidade.

Outro fato importante é que o nível real da democracia, mensurado pelo projeto Polity IV, não é significativo em nenhum dos modelos. Isso quer dizer que tanto as democracias de má qualidade quanto de boa qualidade – segundo a mensuração do projeto – precisam conviver com cidadãos insatisfeitos.

6 Considerações finais

A hipótese elaborada a partir da literatura corrente – de que, em algum grau, as condições econômicas são determinantes na taxa de insatisfação com a democracia – foi corroborada pela análise apresentada neste trabalho, levando em conta a percepção da situação econômica do país por seus cidadãos. A percepção da situação econômica permaneceu significativa e positiva em todos os modelos elaborados. O nível de concentração de renda também aumenta a insatisfação da população com o funcionamento da democracia. Já o gasto social do governo e a aprovação do governo vigente atuam no sentido contrário. Um maior gasto social pode ser refletido em serviços básicos de melhor qualidade. Assim, chegamos à conclusão semelhante à de Retzl (2012).

No entanto, o grande achado do trabalho é o de que a insatisfação da região com o modelo democrático aumenta ao passo que a democracia envelhece. O raciocínio defendido aqui é o de que em países com maior lastro democrático, os cidadãos estariam mais confortáveis para apresentar suas insatisfações com o regime. Em democracias novas, com a experiência autoritária ainda recente, a população seria mais reticente ao expressar suas opiniões.

Por fim, encorajamos futuros trabalhos para que os problemas aqui enfrentados possam ser superados, assim como para que os mecanismos desenhados aqui sejam aprofundados. A elaboração de um banco de dados em que as variáveis estejam todas em um mesmo nível – preferencialmente no nível do indivíduo – acarretaria uma análise mais precisa.

Referências

AARTS, Kees; THOMASSEN, Jacques. Satisfaction with democracy: do institutions matters? *Electoral Studies*, n. 27, p. 5-18, 2008.

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. *Economic origins of dictatorship and democracy*. New York: Cambridge University Press, 2006.

Conexão Política, Teresina v. 6, n. 1, 127 – 141, jan./jun. 2017

ALTINDAG, Duhan; MOCAN, Naci. Joblessness and perceptions about the effectiveness of democracy. *Journal of Labor Research*, v. 31, p. 99-123, 2010.

ARMINGEON, Klaus; GUTHMANN, Kai. Democracy in crisis?: the declining support for national democracy in European countries, 2007-2011. *European Journal of Political Research*, v. 53, p. 423-442, 2014.

BELLUCCI, Paolo; MEMOLI, Vincenzo. The determinants of democracy satisfaction in Europe. In: SANDERS, David; MAGALHÃES, Pedro; Tóka, Gábor. *Citizens and the European polity: mass attitudes towards the European and national polities*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BOIX, Carles. *Democracy and redistribution*. New York: Cambridge University Press, 2003.

EPSTEIN, David L. et al. Democratic transition. *American Journal of Political Science*, v. 50, n. 3, p. 551-569, 2006.

GUJARATI, Damodar. *Econometrics by example*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

HUNTINGTON, Samuel P. *A Terceira Onda: a democratização no final do século XX*. São Paulo: Ática, 1994.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. How development leads to democracy: what we know about modernization. *Foreign Affairs*, v. 88, n. 2, p. 33-48, 2009.

JANZ, Nicole. Bringing the gold standard into the classroom: replication in university teaching. *International Studies Perspective*, p. 1-16, 2015.

KING, Gary. Replication, replication. *PS: Political Science & Politics*, v. 28, n. 3, p. 444-452, 1995.

_____. The future of replication. *International Studies Perspective*, v. 4, n. 1, p. 100-105, 2003.

LAGOS, Mata. Between stability and crisis in Latin America. *Journal of Democracy*, v. 12, n. 1, p. 137-145, 2001.

LINDE, Jonas.; EKMAN, Joakim. Satisfaction with democracy: a note on frequently used indicator in comparative politics. *European Journal of Political Research*, v. 42, p. 391-408, 2003.

_____; _____. Institutional trust and democracy in the new EU member states. *XIV Nordic Political Science Association Conference* (Reykjavik, Iceland), 2005.

LIPSET, Seymour M. Some social requisites of democracy: economic development and political legitimacy. *The American Political Science Review*, v. 53, n. 1, p. 69-105, 1959.

_____. *Political man: the social bases of politics*. New York: Doubleday, 1960.

LÜHISTE, Kadri. Social protection and satisfaction with democracy: a multi-level analysis. *Political Studies*, v. 62, p. 784-803, 2014.

LUPU, Noam; PONTUSSON, Jonas. The structure of inequality and the politics of redistribution. *American Political Science Review*, v. 105, n. 2, p. 316-336, 2011.

MILLER, Steven V. Economic threats or societal turmoil?: understanding preferences for authoritarian political systems. *Political Behavior*, p. 1-22, 2016.

MOISÉS, José Álvaro; CARNEIRO, Gabriela Piquet. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime – o caso do Brasil. *Opinião Pública*, v. 14, n. 1, p. 1-42, 2008.

MUNGIU-PIPPIDI, Alina. Corruption: diagnosis and treatment. *Journal of Democracy*, v. 17, n. 3, p. 86-99, 2006.

NEWTON, Kenneth. Support for democracy: social capital, civil society and political performance. *WZB Discussion Paper, SP IV*, 2005.

PRZEWORSKI, Adam; LIMONGI, Fernando. Modernization: theories and facts. *World Politics*, v. 49, n. 2, p. 155-183, 1997.

____et al. (2000). *Democracy and development: political institutions and well-being in the world, 1950-1990*. New York: Cambridge University Press.

¿QUÉ fue y por qué se produjo el 'corralito' en Argentina hace 15 años? *Notimérica*, Buenos Aires, 06 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.notimerica.com/cultura/noticia-fue-produjo-corralito-argentina-hace-15-anos-20161203071948.html>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

REENOCK, Christopher; BERNHARD, Michael; SOBEK, David. Regressive socioeconomic distribution and democratic survival. *International Studies Quarterly*, v. 51, n. 3, p. 677-699, 2007.

RESENDE, Roberta Carnelos; EPITÁCIO, Sara de S. Desenvolvimento econômico e satisfação com a democracia: uma análise da América Latina. *Ciências Sociais Unions*, v. 50, n. 2, p. 117-126, 2014.

RETZEL, Kenneth. Ask what your country can do for you: social spending and satisfaction with democracy in Latin America. *UNLV Theses, Dissertation, Professional Papers, and Capstones*, v. 16, n. 95, 2012

RUSTOW, Dankwart A. Transition to democracy: toward a dynamic model. *Comparative Politics*, v. 2, n. 3, p. 337-363, 1970.

SVOLIK, Milan. Authoritarian reversals and democratic consolidation. *American Political Science Review*, v. 102, n. 2, p. 153-168, 2008.

Conexão Política, Teresina v. 6, n. 1, 127 – 141, jan./jun. 2017

WUCHERPFENNING, Julian; DEUTSCH, Franziska. Modernization and democracy: theories and evidence revisited. *Living Reviews in Democracy*, 2009.